

1838.

O Chronista.

N.º 189.

Publica-se esta Folha ás terças, quintas e sábados de cada semana. Subscryve-se na Typographia Commercial, rua do Hospício N.º 66 na loja de livros de Eduardo Luemert, rua da Quitanda, por 2\$500 rs. por trimestre; e vendem-se as folhas avulsas por 120 rs.

EXTERIOR.

PORTUGAL.

Vimos periodicos d'este reino, e d'elle extractamos as noticias que mais interessantes nos parecem.

— Por decreto de 28 de março foi S. M. F. servida dissolver o batalhão de artilheria da guarda nacional de Lisboa. Por portaria da mesma data foram suspensos do exercicio dos postos que tinham na guarda nacional, e mandados responder a conselho de disciplina os seguintes officiaes, José Maria da Silva Freire do 9.º batalhão, José Maria Christiano do 14.º, Francisco de Oliveira Concellos do 15.º e José Pedro Nunes do 17.º — Estas duas medidas são consequencia dos movimentos anarchicos que tiveram lugar em Lisboa a 13 de março, tendo aquelle batalhão na sua maioria tomado uma parte muito activa nos desastrosos acontecimentos d'aquelle dia; e achando-se implicados n'esses mesmos movimentos aquelles officiaes.

— No dia 4 de abril, em reunião das côrtes, S. M. F. prestou juramento á Constituição Portugueza nas mãos do president: do congresso, e S. M. el-rei D. Fernando 2.º nas mãos da Rainha. S. M. antes de accitar a constituição e prestar juramento leu um discurso adequado á natureza de tal acto, e quando o visconde de Sá da Bandeira, presidente do conselho dos ministros, apresentou-Lhe as dois autographos da Constituição, S. M. disse: — Aceito a constituição politica que as côrtes geraes, extraordinarias e constituintes da nação portugueza acabam de decretar. — A formula do juramento é a seguinte: — Juro guardar, e fazer guardar a constituição politica da monarchia portugueza, que acabam de decretar as côrtes geraes, extraordinarias e constituintes da mesma nação. — A formula do juramento d'el-rei é a mesma, tirando-se as palavras — e fazer guardar. — Concluido este acto, o presidente das côrtes proferiu um discurso em resposta ao de S. M. — S. M. leu finalmente o seguinte discurso de encerramento das côrtes:

Senhores deputados da nação portugueza.

Pela minha accitação, e juramento da constituição da monarchia, acha-se constituído o paiz.

Senhores, vós haveis discutido e decretado leis da maior importancia. E as reiteradas provas que tendes constantemente dado de interesse pela estabilidade do throno, de fidelidade á Minha Pessoa, e de zelo pelo bem do Meus subditos, penhoram sobre maneira o meu reconhecimento.

Está encerrada a sessão das côrtes geraes, extraordinarias e constituintes da nação portugueza.

— S. M. a rainha de Portugal, querendo solemnizar com actos de Real Munificencia o juramento prestado á constituição portugueza, houve por bem amnistiar os crimes politicos cometidos desde o dia 10 de setembro de 1836 até o dia 4 d'abril, tendentes a destruir as instituições proclamadas pela nação n'aquelle epocha, ou a perturbar a ordem publica ou desacatar a authoridade real, ficando por esse decreto de nem um effeito os processos existentes, e soltas e livres as pessoas que em consequencia d'elles foram presas. O mesmo decreto permite faculdade de regressarem ao reino aquelles que por tal causa estiverem ausentes. Declara que voltará ao quadro effectivo do exercicio, si a elle pertencessem, os militares que tomaram parte n'aquelles acontecimentos, logo que prestem juramento á nova constituição politica da monarchia, não ficando por isso restituídos ás commissões em que se achavam, nem se podem considerar com direito ás promoções que desde aquella epocha tem sido feitas, ou ás que por indemnização se possam ainda fazer a individuos, que a ellas tenham direito. Este decreto não comprehende a restituição de empregos civis. — Uma explicação dada ao decreto de que fazemos menção declara, que não são comprehendidos em suas disposições os factos revoltosos ou tendentes a excitar a revolta, praticados pelos sectarios do proscripto usurpador. Por outro decreto da mesma data foram perdoados os crimes de primeira deserção cometida em tempo de guerra, e primeira e segunda de-

erção simples, tanto do exercito como da marinha; igualmente foram perdoados quaisquer crimes militares a que a lei impoz a pena de degredo, ou de trabalhos publicos até quatro annos, aquelles porém que tiverem sido impostas penas de prisão, degredo, ou trabalhos publicos, por mais de quatro annos, ser-lhes-há diminuido o mesmo tempo de quatro annos, e aos que se acharem condemnados por toda a vida se lhe reduzirá o tempo a dez annos. — Por decretos da mesma data fez-se mercê ao visconde de Reguengo do titulo de conde Avillez; ao visconde das Antas do de conde das Antas; ao barão de Bomfim do de conde de Bomfim; a João de Oliveira, ministro da fazenda, do de barão de Tojal; ao brigadeiro Manuel José Mendes do de barão de Candal.

— Na sessão ordinaria de 3 de abril propoz o sr. Passos (Mannel) que o congresso decretasse ao autor do codigo do commercio, José Ferreira Borges, uma pensão annual de oitocentos mil réis. A proposta era assignada por outros muitos deputados, e em tal numero que fazia a maioria da camara.

— Este jurisconsulto, entregue todo ao estudo das materias commerciaes, acabou de redigir o *Diccionario Juridico-Commercial*. No prefacio d'esta obra diz o seu autor o seguinte: — « A necessidade d'uma obra d'esta natureza entre nós é de primeira evidencia, e a falta absoluta de escriptos commerciaes entre nós exige, que ella seja formada de maneira que possa servir ao caixeiro, ao feitor, ao guarda-livros, ao mercador do retalho e de atacado, ao negociante, aos arbitros, ao advogado, aos jurados, ao juiz inferior, e aos mais altos magistrados do foro portuguez. » — O nome do sr. José Ferreira Borges é muito conhecido no Brazil por negociantes, advogados e magistrados, nem há elle necessidade que o elogiemos como grande sabedor nas materias commerciaes. Não aventuraremos juizo algum sobre seu *Diccionario* por que o não temos á vista, mas temos que será obra acabada, julgando-o por outras obras, que temos lido, escriptas pelo autor do codigo commercial portuguez. E' pena que se não lembrasse elle de mandar abrir subscrições para seu *Diccionario* no imperio do Brazil.

APPENDICE.

Costumes Brasileiros.

A FAMILIA DESGRAÇADA.

I.

Nas margens do formozo Jaguarão, na provincia do Rio Grande do Sul, em uma pequena estancia (a) unica herança de seus avós, via pobremente Pedro, e sua pouca numerosa familia; entregue ao trabalho de sua herdade, passava dias inteiros exposto ao rigor das chuvas e dos sóes.

Era um desses dias de frio, e ventos cortadores que são tão frequentes naquella provincia; Pedro preparava-se para uma longa jornada, accommodava os arreios de seu cavallo, arranjava seu laço, e cercado de seus filhinhos passava os momentos entretido com as ilusões esperanças de um prospero futuro;

a José seu filho mais velho, e a quem mais estimava porque elle já lhe era util, prometia um formozo petiço, que lhe traria na volta, e a sua pequena filha um cordeirinho preto, para fazer companhia ao seu mimozinho *Veludo*; com sua espoza traçava o plano da jornada, contava, e recontava os lucros, e em sua imaginação escalçada, parecia-lhe já ver em seu curral mais duas ou tres mil cabeças. Elle preparava os arranjos para a viagem, a noite se aproximava, e não tinha ainda apromptado as armas, com que deve atravessar essas campinas quasi desertas, aonde o malvado salteador ataca o viajante incauto, para o despojar muitas vezes de um simples ponche com que se abriga do frio. Tinha-se esquecido de um dos pontos mais necessarios, e quando sua espoza tímida, e receosa dos perigos da jornada, lhe fez sentir seu esquecimento, elle estava cansado; — chamou o capataz (*) da estancia, e entregando-lhe as pistolas, ordenou-

lhe que as carregasse; fatal disposição! ! mal sabia o desgraçado, que aquella seria a origem do desastroso fim de toda a sua familia! ! — O capataz, rustico por natureza, desmazelado por educação, em vez de pôr o cuidado que exigia uma tão melindrosa operação, sem atender ao perigo a que se expunha, brutalmente carregava as pistolas perto de uma fogueira, que do costume acendem no meio da casa os camponeses do Rio Grande. Distraído com o cuidado de não deichar queimar o — churrasco — (**) que tinha do um lado da fogueira, do tal modo se esqueceu das pistolas, que uma dellas, recebendo uma faísca do fogo, disparou, e feriu, em um pé, o menino que estava pouco distante. — Seria difficil descrever o estado em que ficou aquelle desgraçado indio; assustado com o tiro, conpungido pelo resultado, elle conservava-se do pé, sem dar uma só palavra. Tardo reconheceu Pedro sua imprudencia, já não era mais tempo

(a) Fazenda, sítio &c.

(*) Director, feitor &c.

(**) Carne meia assada, meia crua.

BUENOS-AYRES.

Da *Gaceta Mercantil* de 4 de maio extra-ctamos o seguinte trecho, que bem dá a conhecer o animo de que se acha possuida toda a população da republica argentina a respeito dos males que a oprimem: — « Si a guerra contra o tyranno Santa-Cruz se faz peizada ao erario, si o bloqueio, injustamente posto a nossos portos pela esquadra franceza, paralisa os recursos d'esse mesmo erario, é tambem certo que não são absolutamente precisos esses recursos, para que a nação argentina, triumphe de seus inimigos nesta luta gloriosa por sua independencia e liberdade. Que dinheiro, que recursos, que armamento, viveres ou outro qualquer d'estes elementos tinha o exercito dos cidadãos restauradores das leis e liberdades publicas, que, ao mando do illustre general D. Juan Manuel de Rosas, triumphou de oito mil veteranos sublevados pelos tyrannos unitarios, oppressores dos povos? Nem armas, nem rações, nem vestuario, nem dinheiro, nada absolutamente tinha essa virtuosa reunião de cidadãos. A justiça e nacionalidade de sua causa e seu ardente patriotismo foram os elementos do glorioso triumpho que obteve. E isto succedeu na luta de nossas desgraças domesticas, veja-se pois de que será capaz um povo heroico em defesa de sua independencia e liberdade.

CHILE.

Ministerio da guerra e marinha.

Joaquim Prieto, presidente da republica. O governo do Chile, desejoso de mitigar quanto é possível as calamidades da guerra, se havia até agora abstido de ordenar o bloqueio dos portos occupados pelo usurpador do Perú, meio tão legitimo de hostilisa-lo, como facil de levar a effeito pela superioridade das forças navaes da republica.

Differente proceder quiz adoptar o usurpador do Perú, expedindo um decreto em que annuncia que de 18 de agosto proximo em diante estará bloqueado o porto de Valparaiso pelas forças da intitulada confederação Perú-Boliviana, para todas as nações da terra.

A defeza da republica põe ao governo do Chile na necessidade de dar as mesmas medidas hostis com que o inimigo o ameaça. Por isso lei determinado e decreto:

Art. 1.º O porto de Calhau e os adjacentes de Churruillos e Ancon deverão considerar-se e serão effectivamente bloqueiados pelos navios de guerra chilenos, desde 18 de abril proximo.

Art. 2.º Communique-se este decreto aos agentes diplomaticos e consulares da republica, nas nações amigas, e aos das ditas

nações no territorio do Chile, para noticia das respectivas cortes e do commercio em geral, e publique-se pela imprensa.

Dado no palacio do governo etc. aos 2 de abril de 1858.

JOAQUIM PRIETO.

Ramon Cavareda.

DEPARTAMENTO DA MARINHA.

Santiago, 11 de abril de 1858.

O governo deliberou e decreta:

Art. 1.º Fica prorogado até 26 do corrente o termo para fazer-se effectivo pelos navios de guerra da esquadra o bloqueio do porto de Calhau, e os adjacentes de Churruillos e Ancon, declarado por decreto do mesmo mez.

Art. 2.º Communique-se esta resolução a quem pertencer o seu conhecimento e publique-se pela imprensa.

PRIETO.

Ramon Cavareda.

INTERIOR.

O bloqueio de Buenos-Ayres.

Os nossos negocios internos nos tem impedido de lançar um vista d'olhos sobre os nossos conterraneos de Buenos-Ayres, victimas da mais manifesta violação do direito das gentes; mas cumpre-nos sobre modo estudar a marcha da França n'esse negocio, para sabermos como seremos tratados, si por ventura desprezarmos as vias diplomáticas na reclamação que ora fazemos ao governo francez. As nações avezavam-se ás injustiças, e si uma vez chegaram a saborear a victoria e os ensanguentados fructos da conquista, eilas que, como as onças de nossos sertões que uma vez provaram o sangue do homem, só meditam combattes, sonham victorias, e correm apoz das conquistas: as leis, os direitos das nações cifram-se em sua vontade caprichosa, a espada e o canhão são os seus juriconsultos. Bom é que sigamos passo a passo o procedimento do contra-almirante Leblanc, bom é que examinemos as causas que deram logar a essa loucura, para que da injustiça com que hoje são tratados os Argentinos possamos tirar uteis lições, quando menos para nos não admirarmos, si a nação franceza se levantar com o territorio brasileiro que occupa nas nossas fronteiras, a despeito dos tratados e da Gram-Bretanha, que no tratado, chamado de Pariz, foi declarada como medianeira da divisão de limites brasileiros e francezes.

Ja alguns artigos escrevemos em nosso periodico sobre esta questão, e estão nossos

leitores informados que todas as regras do direito das gentes absoluto e commutinario foram violadas pelo vice-consul francez em Buenos-Ayres, o sr. Roger, violação que foi apoiada pelo sr. Leblanc, commandante das forças navaes francezas estacionadas no Brazil e nos mares do Sul: sabem que o vice-consul, deixando o seu character puramente commercial, arvorou-se em agente diplomatico, e n'esta qualidade exigiu explicações e fez reclamações ao governo de Buenos-Ayres, que este não lhe quiz reconhecer authoridade para tanto, e em consequencia não lhe deu explicações nem respondeu a suas reclamações, e que em consequencia deste procedimento, todo em regra, do general Rosas, o vice-consul retirou-se e foi o porto de Buenos-Ayres bloqueado, fazendo-se a intimação posterior ou immediatamente ao bloqueio, com prejuizo das nações neutras, e com manifesta violação do direito das gentes.

De tudo isto sabiam nossos leitores, nem na exposição que fizemos d'estes factos fomos contradictados, nem elles foram justificados por os periodicos que tomaram a si o empenho de responder ás nossas censuras, por que todos elles trataram de diminuir a força de algumas expressões mais energicas que n'esses artigos se encontravam, dando-nos como inimigos de todos os estrangeiros, sem se recordarem que temos soffrido insultos d'essa nação e os estamos soffrendo na occupação violenta de nosso territorio. Mas o que ainda não sabem nossos leitores, nem nós sabiamos tambem era de que parte se achava a razão na questão principal, e abstivemo-nos de emitir nosso juizo. Hoje o faremos, por termos a vista documentos, a que damos o character de officiaes por serem escriptos pelo general Rosas e pelo proprio contra-almirante Leblanc, os quaes levaremos ao conhecimento de nossos leitores, logo que nos vejamos desffrontados de objectos nacionaes sobre que devemos fallar.

Entre o general Rosas e o contra-almirante Leblanc tem havido uma correspondencia segna, que se tem publicado em Buenos-Ayres por ordem do governo. Na ultima carta de Rosas ao contra-almirante vê-se que foi posto o bloqueio posteriormente á sentença contra o Francez Pedro Lavie, e que no exercito da republica não se acha alistado um só Francez, ainda que estejam obrigados a pegar em armas na conformidade das leis do paz. Logo por que se pôz o bloqueio? por que razão tão imprudentemente recorreu o contra-almirante a uma medida de hostilidade, antes de averiguar os factos expendidos pelo vice-consul Roger? como pois deixaremos de sympathisar com a causa de Buenos-Ayres? O contra-almirante está certo da ver-

II.

Luísa cuidava de seu filho, ella pela sua propria mão dava os remedios, e não quoria que um extranho tomasse a si um trabalho, que só a ella competia. — O medico tinha declarado que o menino não corria perigo. — Ella estava uma tarde mais descansada, quando chegando-se perto do leito de seu filho, achou-o em uma terrivel convulsão, seu queivo estava duro, os braços em contorsões tremendas. — Que successo será este? — Ella gritou, chorou, pediu socorro, o medico chegou logo, viu o doente e declarou-o á morte; um pasmo, um tetano tinha-o lançado na sepultura. — Não há mais remedio!! — exclamou ella, meu filho morre e que contas darei delle a meu esposo?! — D'ahi a duas horas Juca já não existia. — Os vjinhos se apinharam naquella casa desgraçada, e cada qual procurava consolar a infeliz mac, que perdeu seu filho, e que não encontrava seu esposo para consolal-a. Abraça-se com sua pequena

de remedial-a! Apenas ouviram o tiro, e não viu seu mimozo filhinho perto de si, corren precipitado com sua esposa, e encontraram-o já lavado em seu proprio sangue. — A casa toda ficou em um laborinto, o pae corria para um lado, o criado para o outro, cada qual procurava soccorros, e ninguem os encontrava! — E que soccorros podem haver em uma estância? Mas, quanto é providente o amor materno!! — Luísa chorava, sim que ella não estimava menos seu filho, porém, não tão arrebatada como seu esposo, rasgava as lençoes de sua pobre cama, para com elles vedar o sangue que corria da ferida. José procurava consolar sua mãe, mostrando-se animoso, e Julia agarrada a seu vestido chorava sem saber por que. Depois do primeiro ippeto, conheceram que a ferida não era perigosa, curaram o menino com os remedios domesticos, e procuraram levá-lo para a povoação a fim de ter melhor tratamento.

Neste lance de desespero, Pedro renunciava seus interesses, abandonava sua jornada, e só

queria estar ao lado do seu filho, do seu precioso Juca, unicas esperanças de sua velhice; mas os conselhos dos amigos, o dissuadiam de uma pertença tão imprudente, e mais que tudo a esperança de que aquella ferida não teria funestos resultados, como que arrefecendo em seu coração o primeiro susto, aconselhavam-o a seguir sua jornada, a ir buscar o pão mesquinho com que devia alimentar seus filhos, Pedro consolava seus filhinhos, e mil promessas lhes fazia e mil caricias, que só pode conhecê-las quem é pae. — O dia seguinte começava a amanhecer, os pedes arriavam os animaes, e o capataz sómente esperava as ordens de seu patrão; — elle estava ao lado do leito, e por trez vezes tentou a despedida, que mal sabia, devia ser a derradeira. — Desgraçado Pedro!! — Elle abraçou sua esposa, lançou a bengala a seus filhos, e com as lagrimas nos olhos montou o gineco, que mais rapido que o relampago sumiu-se á vista da pequena Julia, que entre os cavalleiros, procurava com os olhos o seu papae.

dade do que lhe diz o general Rosas, por que continúa o bloqueio? por que continúa a hostilizar a república argentina? O contra-almirante confessa que está satisfeito com essas explicações do general Rosas, mas ainda continúa com toda a violência um bloqueio, que injustamente principiou, por que exige do governo de Buenos-Ayres garantias contra a renovação do actos que elle julga attentatorios da pessoa e propriedade dos Francezes residentes n'aquella republica; Rosas responde-lhe que a questão com S. E. já não é sobre agravos commettidos contra os Francezes, nem sobre violação de algum direito perfeto da França, sinão sobre pretensões, que, sendo effeito d'um tratado, o governo argentino pode decidir sobre ellas com a mesma liberdade que qualquer outro; e que alem de tudo S. Ex. não tem character proprio, nem está authorisado para negociar tratados. O contra-almirante responde que não suscita pretensões que só possam ser consagradas em um tratado, e diz que seu pedido não obriga o governo argentino a coisa alguma definitiva, e que é apenas temporario: quanto ao seu character, diz que é verdade não ter elle authorisção para negociar tratados, mas tem direito de intervir em todas as circumstancias em que tal intervenção seja exigida pelo interesse e segurança de seus compatriotas.

Ora aqui temos nós uma guerra principiada por crimes futuros! aqui temos um contra-almirante que quer remediar males, obri-gando o governo d'uma nação a subsever garantias temporarias! e diz que taes garantias não devem ser discutidas segundo o interesse d'aquelle que as dá! Desse modo, que nação não soffreria hoje um bloqueio rigoroso? damos mesmo que a França fosse aggravada na pessoa de seus subditos em Buenos-Ayres, mas, si agravos passados são motivo legitimo de hostilidade, que nação hoje estaria em paz? Como será recebida essa violação do direito das gentes pelo juizo supremo das nações do mundo? Sem duvida como nós a recebemos, como a aggressão do forte contra o fraco, como um capricho d'uma nação poderosa; e para nós temos, ao menos fazeimos melhor juizo do governo francez do que os Francezes aqui residentes, que tem deffendido o bloqueio, para nós temos que o gabinete das Tlherias, logo que for cabalmente informado dos factos, reprovará as injusticias de seus agentes.

As noticias do Rio Grande.

Ainda sob o pezo da atterrádora noticia da derrota das tropas do imperio nos campos do Rio Pardo, pegamos na penna para chamar a attenção de todos os Brasileiros sobre a sorte dessa malfadada provincia, para mostrar co-

mo tão digno de nossos elogios se tem mostrado o governo, como enfim ainda temos recursos, e recursos poderosos para oppôr aos planos da rebelião. Felizmente com a derrota não perdemos nem um seitel de nossa força moral, as armas do imperio não soffreram o menor dezar. Há derrotas mais gloriosas do que victorias completas: a que lastimamos foi do numero dessas. Surprehendidos, separados uns dos outros, os nossos bravos foram accommettidos pelos inimigos em numero duas vezes superior ao seu: os chefes os abandonam, elles porém resistem, é-lhes impossivel a victoria; querem morrer, resistem, morrem: só de tantos um ou outro cahiu com vida no poder dos vencedores, cahiu com vida por que as feridas impossibilitaram-lhe a resistencia. Honra pois a esses bravos! honra a seus officiaes que na hora do perigo os não abandonaram!

Quando com a velocidade de nua má nova, chegaram-nos aqui as primeiras noticias da derrota do Rio Pardo, não lhe demos credito, esperavamos que fosse menor o desastro do que se contava, esperavamos que o terror houvesse ennegrecido suas circumstancias, nosso patriotismo recuava ante tão dolorosas narrações: ellas porém se confirmam, tudo foi real, não podemos, embora o queiramos, deixar de dar-lhes credito: as armas brasileiras foram vencidas, mas não soffreram dezar!

Em frente porém de tamanho desastre, qual a attitudo que nos compete, a nós que nos prezamos de amar nossa patria, a nós que temos fé nos seus destinos? Será occasião de desanimarmos-nos, de supormos incurável a chaga viva do Rio Grande, de não lhe acharmos remedios sinão quasi miraculosos, quasi impossiveis? Não, imitemos a attitudo do governo ao receber essa tristissima noticia: elle não desanimou, não desesperou da integridade do imperio: varias expedições tem mandado para o Rio Grande, outras está preparando que partirão por esses dias; os bravos acharão successores mais felizes do que elles, e igualmente corajosos: a raça dos Lisboas ainda não está acabada, muitos Lisboas ainda temos para fazerem tremular com o sopro da victoria esse estandarte que elle defendeu até o ultimo instante, e com que morreu abraçado!

Qual a attitudo que nos convém em frente de tamanho desastre? Já um nosso collega no jornalismo nol-o indicou apresentando-nos o exemplo do senado de Roma: Annibal vencedor no Tecino, em Trasimina, havia por fim derrotado o exercito romano em Cannas. Tãmanha foi a mortandade, que dos despojos dos vencidos pôde o guerreiro carthaginez mandar para Carthago alqueires de aneis, desses que os cavalleiros romanos traziam no dedo como insignia de sua dignidade. Pois bem, ao saber de tamanho desastre, o senado romano

votou acções de graças ao consul que havia fugido do combate, — por que não havia desesperado da causa publica, e tinha reservado seus serviços e sua vida para a patria. No mesmo dia um exercito sahio de Roma, não para ir combatter os vencedores, mas para ir para a Hespanha combatter por esse ponto os Carthaginezes. Dahi a tempo Annibal se apresenta em pouca distancia dos muros de Roma, Annibal sempre victorioso, assenta seus arraiaes nas immedições da cidade a quem jurara guerra eterna. Nesse mesmo dia os logares em que estava acampado o Carthaginez foram postos em hasta publica, e lançadores se acharam, e a presença do inimigo não diminuiu de um seitel o valor do terreno. Eis os bravos exemplos que temos de imitar; tamanhos não são nossos apuros como os dos Romanos depois de Cannas, imitemos sua energia. Em fim de contas os rebeldes, bem que em crecido numero, não são toda a população do Rio Grande; todos os legalistas ainda não pereceram: e mesmo quando assim fosse, o Rio Grande é apenas uma provincia do imperio: 17 ainda existem: e essas 17 terão menos recursos, menos patriotismo, menos valôr do que uma unica? Pois só da parte do crime haverá energia e promptidão? só o crime estará disposto a todos os sacrificios para sustentar seu empenho? Não: a derrota do Rio Pardo não nos annuncia a perda da provincia do Rio Grande, ella nos annuncia pelo contrario a reunião de todos os esforços dos amigos do Brazil, e de sua integridade em torno desse governo que nada faz desanimar, e que tantos recursos tem já achado para irrem reparar-a, que tantos ainda achará!

O terceiro partido.

Esse partido cuja existencia annunciamos em nosso ultimo n. parece que não pôde realizar-se: os representantes da nação reconheceram que nas circumstancias em que nos achamos era preciso mais que tudo resolução e firmeza. Não hão-de ser as meias medidas de uma politica mesquinha que havemos de oppôr a espada victoriosa de Neto, nem aos planos ainda incobertos da demagogia: nada de palliativos.

Um fútil desejo de mostrar independencia de character, que ninguém de certo lhes nega, á não ser um ou outro interessado em provocar-os á commetter desacertos, segundo nos consta, havia levado alguns depuados novos a se congregarem, a se concertarem para conceder ao governo todas as leis vitais, todas as medidas de confiança que com justiça reclamasse, mas essa confiança não era illimitada, e em muitos pontos elles pretendiam, sem reprovar a politica do ministro, sem separar-se della, mostrar um voto independente, e dal-o á opposição: seria pos-

Julia, chorava dia e noite, sentada á borda do rio, augmentando talvez com suas lagrimas o abysmo que lhe devia servir de sepultura.

III.

E Pedro? — aonde vai esse desgraçado? — seu filho já não existe. — Vede-o em sua marcha, elle tinha já formado seu pouso na margem de um distante arroio, cercado de salgueiros formidaveis a cujo abrigo devia passar a noite. — Era já tarde, os animaes atados á estaca começavam a pastar, a costumada fogueira já brilhava por entre as trevas, os pedos deitados em roda sobre suas — chergas — assavam a carne para a ceia; e Pedro somente se conservava mudo, deitado sobre a relva, embrenhado em seus pensamentos, mais negro talvez do que aquella noite.

Uma tempestade se formava, o relampago cortava os ares, os trovões combinavam o seu

ruido com o das antas, o cão assustado uivava no interior do bosque como fugindo do desamparo daquella pousada; a chuva, cahia em torrentes sobre a terra. — Ensopados todos os seus vestidos, esperavam pela madrugada, para proseguirem sua peregrinação. — Eil-a que aparece, essa madrugada fatal. — Pedro estava pallido, encostado a seu cavallo, esperava o momento de partir, quando repentinamente chega-se a elle um proprio e dá-lhe uma carta de sua esposa. — Abre, lê precipitadamente, lagrimas rebentam de seus olhos, lança mão de uma pistola, e assassina o desgraçado capataz. — A noticia da morte de seu filho tinha-lhe transtornado o juizo. — No mesmo instante o irmão do infeliz assassinado, tirou a vida a Pedro com um faca.

Não pararam aqui os desastres daquella familia, ella tinha sido votada ao infortunio. O noticiador da morte de José foi o tambem da de Pedro, e a esposa estava como costumava

ao pé do rio, quando recobem a fatal noticia, ella abraçou-se com seus dois filhinhos, e precipitou-se no abysmo. — Os criados correram a salvá-la. — Mas a corrente era demasiadamente forte, para poder-se acudir a tempo. Ella surtiu-se, e só depois de trez dias foi encontrada, ainda abraçando as duas victimas de sua má estrella.

IV.

Ainda hoje existe o pau daquella capataz, o amigo do pequeno Juca, — um indio velho — antigo peão daquella fazenda, elle que os tinha visto crescer: — mil vezes ao passar por aquella porta coberta de musgo, recorda-se do seu amigo Pedro e chora a morte do assassino de seu filho. Aquelle velho ao contar esta historia sempre lhe rebenta uma lagrima de saudade, e mil suspiros vem entrecortar uma narração tão melancolica.